

PATRIMÔNIO ■ Instituto cobra a candidatos medidas que garantam padrões originais da capital

MARCOS BRANDÃO



No comércio das entrequadras escadas, falta de calçadas niveladas e mesas no meio do caminho: barreiras condenadas no plano de Lucio Costa

Cobrança para novo governo: preservar DF de distorções

Rosane Garcia

Brasília, a única cidade moderna do mundo a conquistar o título de patrimônio cultural da humanidade, está ameaçada e incompleta. Os sucessivos governos, nos últimos 46 anos, não conseguiram concluir o plano urbanístico de Lucio Costa. As intervenções, ocorridas em quatro décadas, atenderam a pressões que não estavam previstas na concepção original da capital e se tornaram uma ameaça à qualidade de vida conquistada pelos brasilienses.

Para pioneiros e profissionais preocupados com a preservação da capital federal, o futuro governo do Distrito Federal terá a responsabilidade de frear o avanço das distorções como também de eliminá-las e completar a obra de Lucio Costa.

A menos de 20 dias da eleição para escolha do futuro governo, o Instituto Histórico e Geográfico do DF (IHG-DF), sob o comando do coronel Affonso Heliodoro, braço direito do ex-presidente Juscelino Kubitschek, quer obter dos candidatos o compromisso de cumprimento do plano original do urbanista, que criou a capital da República.

— Estamos trabalhando desde fevereiro, quando criamos o grupo *Compromisso com Brasília*, formado por personalidades, en-

tre elas o primeiro presidente da Novacap e médico Ernesto Silva, com uma única preocupação: preservar Brasília — diz Heliodoro.

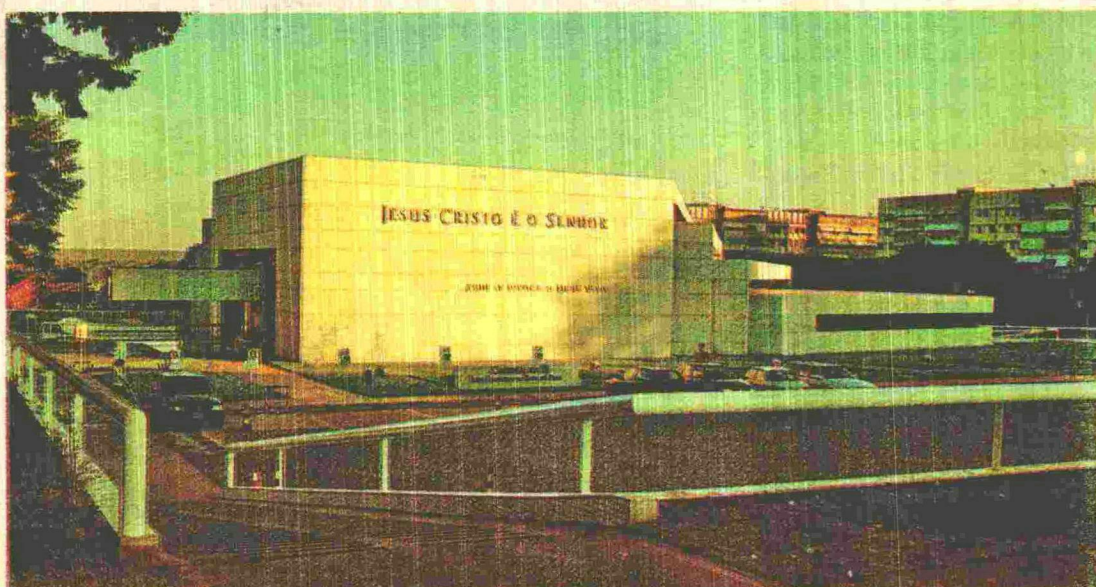
Terça-feira, a partir das 19h, o instituto se reunirá com os postulantes ao GDF para que apresentem as propostas de preservação da capital.

— A concentração de 80% a 85% dos empregos e serviços em Brasília, aliada à falta de transporte coletivo, tem forçado mudanças no plano urbanístico — afirma Vera Ramos, chefe da Di-

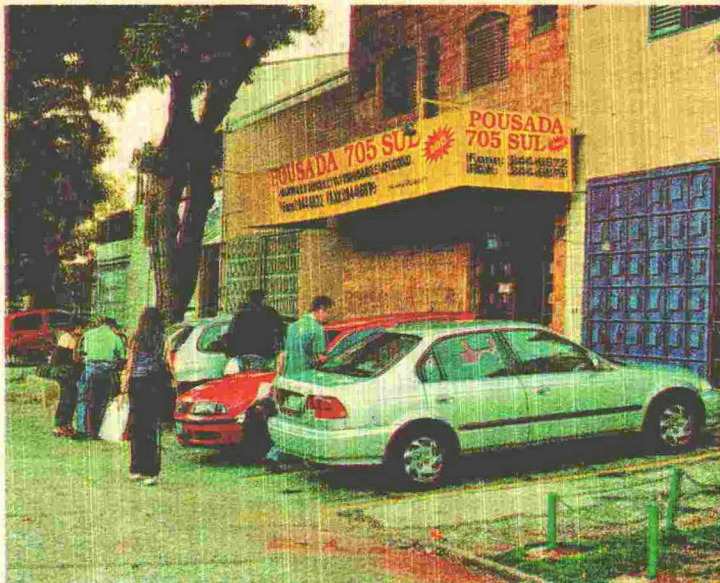
Plano urbanístico, inédito no mundo, está inconcluso: faltam, por exemplo, postos policiais

visão Técnica da Superintendência de Brasília no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Ela alerta para o risco que isso representará para a qualidade de vida e preservação do Plano Piloto. A solução passa pelo desenvolvimento das cidades-satélites, com a oferta de serviços e emprego, a fim de evitar que a maioria da população venha suprir suas necessidades no centro da capital. Ao mesmo tempo, é fundamental rever o sistema



Entre a 211/212 Sul, a construção de um templo afronta a concepção original da capital



W3 Sul: residências cederam lugar ao comércio irregular

de transporte público para reduzir a frota de carros particulares em circulação. Não passa de mito a versão de que Brasília foi feita para automóveis.

Vera Ramos alerta que o plano urbanístico, inédito no mundo, está inconcluso. Não foram construídos os oito postos policiais previstos em cada uma das asas Norte e Sul. Faltam os clubes de vizinhança, escolas e espaços de lazer, unidades que complementam as superquadras residenciais do Plano Pilo-

to. Os blocos residenciais sobre pilotis foram concebidos para que, diferentemente de outras cidades, o brasiliense pudesse transitar em diagonal. Mas as cercas vivas e outros artifícios comprometem a concepção original.

Situação semelhante ocorre no comércio das entrequadras, onde há barreiras arquitetônicas aos portadores de necessidades especiais e idosos. Os bares não respeitam os limites e ocupam as calçadas, obstruindo os espa-

ços destinados às pessoas.

— Faltam conhecimento e entendimento sobre o plano de Lucio Costa — diz Vera Ramos. — Quem não conhece, não valoriza ou respeita.

Vera defende que o futuro governo assuma o compromisso de orientar as intervenções com base no plano urbanístico e promova ações de educação patrimonial, a partir da rede pública de ensino. Segundo ela é preciso também conservar os espaços e monumentos públicos, evitando que sejam deteriorados.

O jornalista Márcio Cotrim, integrante da comissão, qualifica de escandalosas as distorções impostas ao plano de Lucio Costa. Cita como exemplos flagrantes de desrespeito o comércio instalado em casas voltadas para a W3 Sul e o cercamento das residências.

Condena também a construção do sétimo andar em superquadras, como a 311 Norte, de hotéis e aparthotel às margens do Lago Paranoá. Para ele, é uma afronta a construção de um templo entre a 211/212 Sul.

— A cidade está desfigurada na sua concepção original — afirma Cotrim. — Não podemos deixar que Brasília se transforme em uma Calcutá.